

8

Paulo Ramos, ^{ANC}um lutador disposto a superar desafios ^{es}na ^{O GLOBO}Constituinte

18 JAN 1987

Foto de Hipólito Pereira

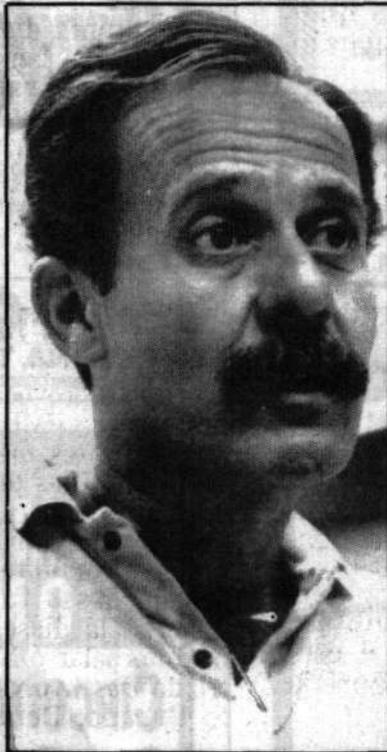
Em 31 de março de 1980, 16 anos depois da revolução militar, o Palácio Guanabara amanheceu sob o cerco de 850 oficiais da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros, os quais protestavam por melhores salários. Um major alto, de grandes bigodes e loquaz, movimentava-se entre os colegas com ares de líder. Era a primeira manifestação pública de descontentamento do pessoal da força policial durante o movimento revolucionário. O troco viria logo depois: 12 dias de cadeia para quem estivesse à frente do protesto.

Paulo Ramos cumpriu a pena, mas não se emendou: continuou a liderar o descontentamento da categoria em relação às condições de trabalho e aos baixos salários. Sua postura inquietada, misto de rebeldia e liderança, lhe custaria várias outras punições ao longo da carreira militar e, seis anos depois, lhe daria o aval de 57.482 fluminenses e cariocas para tornar-se Deputado constituinte, o terceiro mais votado do PMDB.

Se durante o Governo Chagas Freitas Paulo Ramos recebeu sua primeira prisão, na gestão de Leonel Brizola elas se multiplicariam — permaneceu exatos 285 dias atrás das grades por insubordinação.

A vocação política de Paulo Ramos não é recente. Em 1978, tentou conseguir legenda para disputar uma cadeira na Câmara. Suas pretensões foram adiadas para 1982. Disputou o pleito, mas foi varrido pelo ventaval brizolista. Teve 12 mil votos.

Na última eleição, Paulo Ramos realizou um paciente trabalho de corpo-a-corpo em áreas de grande concentração de policiais militares e bombeiros, como Olaria, Jacarepa-



Paulo Ramos quer direta em 1988

guá e Anchieta. Dos 57 mil votos, ele acredita que mais da metade vem dos parentes e membros das duas corporações.

Esquerda, centro ou direita. Paulo Ramos não gosta de rótulos e define-se ideologicamente como "um homem público que luta para que o trabalhador seja respeitado e tenha participação nas riquezas por ele geradas. E que esse processo se desen-

volva com respeito aos valores da natureza".

— Acho que isso é socialismo — arrisca.

Nem moratória, nem o pagamento da dívida. Paulo Ramos defende uma fórmula alternativa para o País saldar seus compromissos com os credores internacionais. Em primeiro lugar, receita ele, o Governo deveria suspender o pagamento dos juros. Depois realizaria um levantamento criterioso da quantia referente ao principal, que seria amortizada por um percentual a ser definido do saldo da balança comercial. Os juros? Para estes, Ramos defende o calote. E justifica.

— O Brasil já foi extorquido demais por esses credores. O País não pode ficar nas mãos dos agiotas internacionais.

Se depender de Paulo Ramos, o mandato do Presidente Sarney será encurtado e os brasileiros escolherão pelo voto direto um novo mandatário em 15 de novembro de 1988.

— Este é um compromisso da Aliança Democrática. Todos sabem que Tancredo Neves queria um mandato de quatro anos — justifica.

Nascido em Realengo, filho de pai metalúrgico e mãe costureira, Paulo Ramos tem orgulho de sua trajetória de menino bom de bola nos campos de pelada dos subúrbios a Deputado constituinte. E quer, no Congresso, agir como o Major rebelde que um dia exortou os colegas da Polícia Militar a lutarem por melhores condições de trabalho.

— A luta agora é bem mais ampla. Mas estou preparado para o combate. Não fiz outra coisa na vida senão combater.